

## 6

### Considerações finais

*E assim, os delicados desesperam  
do imperativo de concatenar  
nomes e coisas, como se o perigo*

*vivesse num vestígio do sentido,  
na derradeira pedra sobre pedra  
de um prédio alvo de atentados tantos,*

*Paulo Henriques Britto, Tarde, 2007.*

A análise de 18 narrativas pessoais encaixadas em seis discursos proferidos pelo Presidente Lula entre abril de 2006 e março de 2007 produziu alguns resultados que passo a apresentar e/ou recapitular, tentando, corajosamente, não fugir ao imperativo de “concatenar nomes e coisas”.

#### 6.1

##### Narrativas e construção de identidades e sentidos

A escolha de narrativas pessoais como ponto focal de uma análise voltada para o discurso político (à primeira vista, uma escolha no mínimo inesperada<sup>10</sup>) se revelou produtiva: a se julgar pelos discursos do período examinado, parece que a oratória política do presidente Lula se caracteriza por recorrer com frequência ao formato narrativo como estratégia discursiva.

Contar histórias pessoais é um meio privilegiado para construir e projetar auto-representações identitárias – o uso do molde narrativo permite ao orador construir identidades de maneira vívida, concreta, detalhada, pictórica, visual e, portanto, convincente, já que a narrativa projeta para os ouvintes uma situação concreta em que o falante se mostra como sujeito, com determinadas características e qualidades, como que reveladas por suas ações e comportamentos na história. Incluir narrativas pessoais em discursos políticos formais parece funcionar então como uma

---

<sup>10</sup> Não tendo estudado discursos de outros políticos brasileiros, minha surpresa ao constatar a presença freqüente de narrativas pessoais em discursos do presidente Lula reflete apenas uma percepção do senso comum, ou seja, a percepção de que a oratória política não costuma se caracterizar pelo uso da linguagem personalizada e concreta das narrativas em primeira pessoa..

estratégia básica de envolvimento (Tannen, [1989]1999). Dito de outra forma, entre outros efeitos, a construção de identidades através do molde narrativo favorece a identificação dos ouvintes com este sujeito assim construído e reforça a idéia de verdade.

As identidades construídas nas narrativas sendo instáveis, plurais, às vezes complementares, outras vezes contraditórias, instauram no discurso o que Hall ([1992] 2005) chama de “jogo de identidades”. Esse jogo de identidades funciona como um trabalho de articulação de alinhamentos. Levando em conta a concepção clássica de que persuadir é o objetivo básico do discurso político, a inclusão de narrativas pessoais em discursos políticos funcionaria como uma estratégia básica de persuasão, ao criar identidades de forma vívida e promover alinhamentos entre essas identidades (do orador) e as supostas identidades da platéia.

Vimos, por exemplo, que logo no início de seu discurso para os formandos do ProJovem (Olinda, PE, 30.03.07), o Presidente Lula se posicionava identitariamente como um migrante nordestino pobre que ia contar sua trajetória de vida. Esse posicionamento identitário permitiu o alinhamento da platéia, formada por jovens nordestinos pobres, com o orador. No discurso do Jovem Aprendiz (São Paulo, SP, 02.06.06), diante de uma platéia formada também por jovens pobres, mas em situação um pouco melhor do que os formandos do ProJovem, Lula se construiu como migrante nordestino/ operário em São Paulo, enfatizando a importância do curso de torneiro mecânico para seu sucesso futuro. Essa mesma construção identitária de migrante nordestino/ operário compareceu no discurso do Mova Brasil (Nova Iguaçu, RJ, 14.06.06), mas, diante de uma platéia de adultos pobres inscritos em programa de alfabetização, a ênfase passou às dificuldades da vida cotidiana nas periferias das grandes cidades.

As identidades de migrante nordestino e operário, conquanto importantes, não foram as únicas identidades projetadas nas narrativas encaixadas nos três discursos analisados no Capítulo 4. A identidade de *pai*, por exemplo, apareceu nos dois primeiros discursos (ProJovem e Jovem Aprendiz) como aquele que dá conselhos, apóia e cuida e, na qualidade de provedor de cuidados, serviu de metáfora para presidente, visto como o pai que cuida do povo.

Já os três discursos examinados no Capítulo 5, pronunciados diante de outros tipos de platéia, apresentaram narrativas que mostram outras construções identitárias, diferentes das identidades de migrante nordestino, operário e pai apontadas acima.

O discurso da Economia Solidária (Brasília, DF, 27.06.06), por exemplo, é rico em narrativas e em identidades nuançadas de sindicalista, pai e presidente. Através das cinco narrativas encaixadas no discurso, essas identidades foram se construindo e se superpondo, como num processo de laminação: primeiro a identidade do sindicalista afinado com os valores do cooperativismo; em seguida, o sindicalista inteligente e perspicaz; depois o sindicalista de resultados; ao mesmo tempo, o companheiro leal, que não esquece os amigos mesmo depois de ter chegado a presidente da república; em seguida, o pai que não fala inglês, mas é decidido, esperto e sabe onde procurar ajuda; finalmente, o presidente absolutamente vitorioso que, se cercado de economistas competentes, que são também companheiros de longa data, “resolveu o problema da economia brasileira”.

É interessante notar que a identidade de pai construída na narrativa “*Um avião todo escrito em inglês*” encaixada no discurso que Lula fez para uma platéia de “companheiros” do movimento de Economia Solidária mostrou-se diferente da identidade de pai construída nos discursos pronunciados por ele diante de platéias formadas por jovens pobres beneficiários de programas sociais do governo. Naqueles discursos, pai era quem dava conselhos aos filhos adolescentes, incentivando-os a seguirem o caminho do bem, e só pôde funcionar como metáfora de presidente mediante uma certa “infantilização” dos governados, dentro da idéia, frequentemente expressa por Lula em seus discursos, de que governar é cuidar. Já no discurso da Economia Solidária, pai era quem encontrava soluções e resolvia problemas e, assim, a identidade de pai construída na narrativa “*Um avião todo escrito em inglês*” fica um pouco mais perto da noção de presidente como líder.

A narrativa “*Por causa de uma moedinha*”, encaixada no discurso do Salário Mínimo (Brasília, DF, 27.12.06), funciona como um argumento para provar uma tese e a auto-representação identitária aí construída é função da tese que o orador/narrador deseja provar. No mundo da história, Lula se apresentou como jovem operário que sabe o valor de cada centavo e essa construção identitária funcionou para justificar como positivo um aumento do salário mínimo de R\$30,00 e para provar a

tese de que “30 reais é pouco para quem tem muito, mas é muito para quem tem pouco”.

Já na narrativa “*Um país do tamanho do Brasil*”, encaixada no discurso da Ferrovia Norte-Sul (Aguiarnópolis, TO, 23.05.06), o presidente Lula se construiu como presidente no comando do governo, mas um presidente diferente, não alinhado com os políticos profissionais (pois ele não “fica fazendo política só em Brasília”), o que é um detalhe crucial num país onde a classe política não é vista como confiável. Lula se construiu como um presidente que, para “conhecer o tamanho da coisa que ele quer governar”, percorreu o Brasil, “do Oiapoque ao Chuí”. E isso, esse conhecer na prática – que se opõe ao conhecimento das elites e do ex-presidente Fernando Henrique, adquirido nos livros e nas universidades – esse conhecimento pelo contato direto com a realidade não só justificou sua mudança de opinião quanto à Ferrovia Norte-Sul (razão dessa narrativa) mas o construiu como um presidente que, alegadamente, não faria parte da classe política, nem das elites, “a única alternância de poder que aconteceu em 500 anos”, como ele mesmo se definiu em discurso (já citado) para empresários em Brasília em 03.10.07.

As diferentes identidades que o Presidente Lula constrói nas narrativas analisadas neste trabalho – tanto as ligadas às suas origens de migrante nordestino e operário, como aquelas ligadas ao seu papel de presidente *sui generis* – parecem convergir para a idéia de que a novidade que é a eleição de um “trabalhador” para o cargo de presidente da república significaria mudança de padrões, transformação social, inovação. (Esse caráter de novidade é, de resto, constantemente referido e reforçado pelo bordão “nunca antes na história desse país”.) Ora, não só os valores construídos em várias das narrativas estudadas são bastante tradicionais – importância da estabilidade e da autoridade na vida familiar, nunca desistir e lutar dentro do sistema, o sucesso visto como obtenção de bens duráveis e como conquista de posição de poder, para citar alguns – como, o que é mais importante, a noção do que seja governar que emerge das narrativas me parece, mais do que tradicional, anacrônica. Como já mencionado acima, em muitas das narrativas analisadas no capítulo 4, a identidade de pai (construída como aquele que cuida dos filhos adolescentes) funcionava como metáfora de presidente na medida em que governar é visto como cuidar, colocação que, como também já mencionei, é freqüente nos discursos de Lula.

As páginas de opinião de alguns jornais tem sido pródigas em artigos que justamente criticam, como populista, essa noção de que governar seja cuidar. Destaco dentre eles um artigo não acadêmico do antropólogo Roberto DaMatta publicado no jornal O Globo em 03.01.07 e construído inteiramente sobre a oposição cuidar versus governar. DaMatta enfatiza o caráter absolutamente não inovador do cuidar como estratégia de exercício do poder político quando diz: “o rei, o senhor feudal e o coronelão (de direita e, agora, de esquerda) cuidam”. No mesmo texto, DaMatta distingue entre governar e cuidar dizendo: “Cuidar é governar mais para os companheiros e para os pobres; governar é administrar para todos os cidadãos, inclusive os pobres.” Esta distinção entre governar e cuidar é uma distinção não-pertinente na fala do presidente Lula uma vez que, em várias ocasiões, ele vem discursivamente construindo a idéia de que governar é cuidar<sup>11</sup>.

## 6.2

### Enquadres e construção de identidades e sentidos

Proceder à análise das narrativas encaixadas começando por identificar os enquadres sinalizados no discurso me pareceu muito produtivo: a meu ver, se revelou uma estratégia facilitadora para a identificação das identidades e dos sentidos que iam sendo construídos nas narrativas. Usei *enquadres*, no plural, pois cada discurso trabalha com um certo número de enquadres que vão se superpondo, se articulando e se alternando constantemente no papel de enquadre dominante, de forma a permitir a construção de identidades e sentidos. Em seu texto seminal de 1972, Bateson já chamava a atenção para essa “natureza instável do enquadre”.

Há um enquadre básico, que chamei de enquadre geral, e que é o enquadre de discurso político, estabelecido pelo cargo de presidente da república que orador ocupa e pelo tipo de situação (cerimônia oficial, evento público) em que a atividade discursiva está inserida. Em cima desse enquadre geral, outros enquadres vão sendo sinalizados – conversa, conversa de pai, conversa entre companheiros, palestra

---

<sup>11</sup> A título de exemplo somente, cito trechos do discurso feito em Contagem, MG, em 28.06.06, em “cerimônia alusiva ao cumprimento da meta do Programa Bolsa Família”. Disse Lula: “seria tão mais fácil ... a gente governar um país, um estado, uma cidade, se a gente tivesse que cuidar só dos pobres. Os pobres, na verdade, não dão trabalho. ... Então, fazer política para pobre é uma coisa prazerosa, porque a gente sente que a comida chega na casa das pessoas. ....”

motivacional – inclusive, o enquadre de discurso político (discurso de campanha, por exemplo), não mais como um enquadre geral, mas como um enquadre interativo, situacional e localizado, sinalizado na interação discursiva.

É importante enfatizar que os enquadres sinalizados de dentro do discurso se sobrepõem uns aos outros e se sobrepõem ao enquadre geral de discurso político, sem nunca neutralizar ou eliminar esse enquadre geral, mesmo quando parecem estar sendo propostos com o fim mesmo de substituí-lo, neutralizá-lo, eliminá-lo.

Quando, por exemplo, no discurso do Mova Brasil (Nova Iguaçu, RJ, 14.06.06) Lula inicia seu discurso dizendo (grifos meus):

“Gente, eu tinha, eu tenho um discurso escrito aqui para ler, mas não vou ler. Eu vou conversar, se me permitem, eu vou **conversar um pouco com vocês**”,

ou, quando, no discurso da Ferrovia Norte-Sul (Aguiarnópolis, TO, 23.05.06), o presidente Lula abre seu pronunciamento anunciando (grifos meus):

“Eu vou esquecer um pouco o que está escrito no meu pronunciamento e **vou contar uma história para vocês**”,

ele parece estar dizendo que o que vai acontecer dali por diante não é, como seria de se esperar, um discurso do presidente, portanto um discurso político, mas sim uma conversa espontânea entre amigos, entre conhecidos.

Essa estratégia discursiva de propor “conversar um pouco com vocês” ou “contar uma história para vocês” em vez de *ler o discurso* aponta para uma tentativa de neutralização (ou de “apagamento”) do enquadre geral de discurso político. É verdade que o orador melhor atingirá seu objetivo de persuasão, quanto mais conseguir que o público como que mergulhe de cabeça no enquadre proposto, de conversa, se deixando levar pela emoção. É verdade também que o analista do discurso precisa considerar o enquadre de conversa proposto pelo orador, sem o que não seria possível interpretar de modo minimamente adequado o que está sendo dito. Porém, para se ter uma visão crítica com relação aos efeitos das construções identitárias e de sentido efetuadas no discurso, tanto os cidadãos/ eleitores que formam o público, como o analista que estuda os processos discursivos não podem perder de vista que o enquadre proposto de conversa nunca anula o enquadre de

discurso político mas a ele se sobrepõe e com ele se articula, de modo mais ou menos eficaz, de forma a fazer o que discursos políticos fazem: persuadir. Penso que esta colocação, trazida pela análise que fiz de narrativas pessoais encaixadas em discursos selecionados do presidente Lula, seja uma contribuição deste trabalho àquele movimento, que mencionei na Introdução, e que é, a meu ver, indispensável a qualquer sociedade que se queira esclarecida, de olhar para si própria e buscar se compreender.

### 6.3

#### Gente como a gente

Volto à consideração que fiz na Introdução e duas vezes no corpo desta dissertação, sobre uma análise de discursos do presidente Lula, feita de uma perspectiva sociolinguística interacional e com foco em narrativas pessoais encaixadas, ser capaz de revelar o viés linguístico-discursivo do *carisma* do presidente, que é mencionado por muitos como um dos fatores que explicam sua continuada popularidade. Penso que a análise realizada mostra exatamente isso, que o *carisma* do presidente Lula tem um componente linguístico-discursivo claro, que se revelou na análise de narrativas pessoais que povoam alguns de seus discursos políticos.

Em setembro de 2006, em plena campanha eleitoral, a seguinte nota foi publicada na Coluna do Ancelmo no jornal O Globo:

“A rodada de agosto da pesquisa Pulso Brasil, do Instituto IPSOS, revela que 75% dos brasileiros admiram Lula ‘como pessoa’. E mais: 74% dizem que o presidente ‘é gente como a gente’.”(Ancelmo Gois – O Globo, 13/09/2006)

O que este resultado de uma pesquisa de opinião parece indicar é um tipo de reação/ resposta do público (ou de boa parte dele) à fala do presidente Lula, e às suas construções identitárias e de sentido, o que, basicamente, responde à pergunta de pesquisa que orientou meu trabalho: generalizando a partir das 18 narrativas analisadas, parece que as identidades que o Presidente Lula constrói em seus discursos, usando recursos variados, entre eles e principalmente o formato narrativo,

se organizam numa dinâmica eficaz que sem dúvida ratifica e provavelmente ganha identificações e lealdades.

É claro que nesta tarefa de seduzir e conquistar corações muitos outros recursos, lingüísticos e paralingüísticos, são utilizados, além dos ressaltados nesta análise. Além disso, adicionalmente aos discursos, entrevistas e pronunciamentos, há todo um trabalho da propaganda oficial para orientar a percepção simbólica das ações e resultados governamentais. É claro também que os diversos públicos dos discursos de Lula não reagem da mesma forma às identidades e aos sentidos construídos no discurso, como, de resto, fica evidente pelos níveis de popularidade medidos por pesquisas de opinião, geralmente em torno de 60% (não 100%).

O irreverente e polêmico colunista de VEJA, Diogo Mainardi, crítico (“inimigo”) declarado de Lula, observou em sua coluna de 23.08.06, “Ginecomastia, sanfoneiros, pobres”, que o locutor de um dos programas eleitorais de Lula afirmava: “Lula tem a cara do povo”. Mainardi prosseguiu observando sarcasticamente que Lula já não era mais pobre, que “colocou jaquetas nos dentes e Botox na testa”, mas continuava sendo a cara do povo. Ou seja, de várias formas, algumas examinadas na análise efetuada neste trabalho, o presidente Lula constrói e projeta determinadas identidades que continuam a provocar identificações e lealdades frente a uma parcela considerável do eleitorado, apesar dos tais acontecimentos de alto potencial destrutivo que mencionei na Introdução e de novas posições identitárias, assim percebidas por alguns segmentos da população.

Considero que a análise desenvolvida nesse trabalho, focada em 18 narrativas pessoais encaixadas em seis discursos do Presidente Lula, usando como instrumentos de análise o modelo de narrativa laboviano e a noção de história de vida de Linde, e recorrendo ainda às noções de enquadre, conforme Bateson e Goffman, e de alinhamento, de Goffman, indica que a inclusão de histórias pessoais em discursos políticos pode ser um recurso poderoso para a obtenção de alinhamentos identitários, os quais funcionam como pré-condição para o atingimento do objetivo básico de persuasão que define o discurso político. Nesse sentido, o estilo oratório do presidente e sua habilidade comunicativa parecem realmente contribuir para que ele se mantenha popular a despeito de escândalos e de outros acontecimentos negativos que atingiram seus auxiliares sem afetar significativamente seus níveis de aprovação popular.